Psicanálise
Colloque da Convergência Paris 2019
Crise dans la culture
LILIANA DONZIS
Escola Freudiana de Buenos Aires

Agradeço em meu nome e em nome da Escola Freudiana de Buenos Aires a organização deste colóquio.

Crise na/da cultura, é um convite a dialogar sobre o mal-estar, real, da cultura e suas incidências na subjetividade da época.

Vou deixar as análises sociológicas e psicossociais para outra ocasião, já que podem nos cativar ao ponto de perdermos de vista o objeto da psicanálise, o sujeito.

Considero interessante interrogar os efeitos do sujeito, de sua emergência na cultura.

Transitamos um tempo em que os neocondutismos, com suas variantes, buscam sufocar a emergência do sujeito e o valor da palavra. Não é possível imaginar um mundo humano sem linguagem, sem sexo ou sem os enigmas da morte. Não há chance de assimilar o sintoma às tecnologias e protocolos da conduta.

Novos desvios da psicanálise surgiram a partir da obra de Lacan, autodenominados "pós-lacanianos", do ultimíssimo Lacan, que propõem um inconsciente cujo efeito clínico radica na rejeição do desejo, sem metáfora nem metonímia, ou seja, sem poiesis nem interpretação. Não é esse um exemplo onde reina a resistência do psicanalista? E a resistência à psicanálise?

O inconsciente é a política[1], é a proposta que Lacan profere em 1967, uns meses antes de apresentar a Proposição de 9 de outubro, situando a tensão, sempre vigente, entre a análise em intensão e a análise em extensão. Se do inconsciente se deduz a política, a nossa, não está longe da política do sintoma, do que não funciona, do efeito do simbólico no real e também dos efeitos de real que o sintoma porta.

Se o inconsciente está estruturado como uma linguagem que se ordena em discurso em uma análise, o desdobramento deste aforismo de Lacan requer que no curso de uma análise a palavra seja escutada no *tempo* de uma análise, dando tempo para a palavra, para a produção de discurso e do significante que se faz ouvir propiciando as intervenções do analista. Tempos lógicos, antes que cronológicos, que não podem ser calculados, e que não dependem de que 'inconsciente lacaniano" dure pouco ou muito, que emerja invariavelmente durante cinco, sete ou três minutos, como norma. O sujeito surge como chispa na metáfora. Gozo e letra não são o cimo, um ponto de chegada, pelo contrário, eles se enraízam na experiência mesma da análise e, portanto, não são um objetivo em si mesmo.

Uma clínica lacaniana não é sem o "Retorno a Lacan" que nos leva a nos interrogarmos pela prática psicanalítica e pelo desejo do analista.

Assim, frente aos desvios ocorridos no século XX, entre outros, por causa da Ego psychology, que pregava a docilidade e a adaptação do eu, ou pelo Culturalismo no qual o sujeito é subsumido e adaptado às incidências do social, Lacan propôs ler Freud até seus limites, estabelecendo nesse retorno, uma renovação, que não foi uma volta atrás, pelo contrário, configurou um avanço nos fundamentos da obra freudiana.

---

[1] Jacques Lacan. Seminário XIV. Versão Inédita Biblioteca da EFBA

Que teria acontecido com a psicanálise sem Lacan? Sem o bucle que ele entrelaçou nas letras freudianas, renovando assim seu avanço tanto clínico quanto teórico? Relendo o ato analítico e sua ética?

Hoje somos leitores da totalidade do ensino de Lacan, sublinhamos as diferentes lógicas que o mestre desenvolveu e que nos permitem indicar os efeitos clínicos que se deduzem de cada uma delas. Temos a responsabilidade e também a expectativa de oferecer nossa experiência, na qual as pegadas do real cavem o sulco produzindo um efeito de transmissão.

A polis, a cultura e as instituições, em um sentido amplo, têm suas variáveis e suas ferramentas de estudo e abordagem. Nossa prática, entretanto, é atravessada pelo campo da transferência, portanto, sua abordagem não é sem interrogar a análise em intensão e sua passagem para a extensão.[2]

Freud manifestou seu ceticismo frente ao por-vir do sintoma; Lacan destacou a impossibilidade de sua completa decifração, um caroço do real insistirá. O saber do inconsciente designado por Freud requer da passagem pela experiência que aponta para o real e se liga ao *savoir y faire* do analista.

Encontramos diferenças de importância com as leituras sociológicas, por exemplo, com Foucault. O saber inconsciente não é o saber que gera poder, é um saber perfurado pela castração.

A diversidade que não faz Um tem base em que o pai do desejo passe como passe no laço social. Não se trata do Um unificante nem da identificação com o traço como elemento dominante. O traço que faz identidade torna-se um dos modos do racismo, e, portanto, da segregação.

Esta questão também nos preocupa no nosso âmbito institucional.

Uma psicanálise é uma ocasião e uma oportunidade para que o saber ocupe o lugar da verdade, tanto para as mulheres quanto para os homens e as crianças; está longe de sustentar qualquer estratégia de poder social, de segregação e de gênero.

Quais são as consequências quando a medicamentação, nem sempre necessária, é oferecida de modo automático?

O fármaco constitui o último elo de um processo que começa na pesquisa básica e que se baseia em métodos científicos aceitos, até sua verificação. Ora bem, das primeiras inferências à implementação final há uma percurso prolongado e complexo que não é alheio nem aos procedimentos científicos, nem aos diferentes sistemas jurídicos estabelecidos pela regulação de cada país, para chegar à aplicação final. É nesta última fase que a indústria é habilitada a produzir de forma massiva ou parcial um produto ou subproduto que pode ser comercializado, frequentemente afastado da pesquisa básica e, até sendo nessa linha, confirma-se a degradação daquilo que foi o objetivo inicial.

Advertimos que é necessário diferenciar a ciência de suas aplicações.

Não basta a denúncia, já há vários anos eu venho propondo que a nossa tarefa é demonstrar e clinicar o que nós, analistas, fazemos, porque recebemos consultas diagnosticadas sob a generalidade do DSM ou com a patologização da sexualidade; e contamos com isso em psicanálise. Por exemplo, a cura psicanalítica em crianças que padecem do excesso da função motora demonstra dois vetores importantes para serem levados em consideração, o primeiro se refere à passagem do autoerotismo para a

[2] Jacques Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967. Versão Ornicar.

montagem da pulsão e a partir desta a passagem para a configuração de uma cena[3]. A dificuldade pode situar-se em qualquer um dos movimentos ou nos dois. Ora bem, tanto nos casos mais viáveis para nossa intervenção analítica quanto naqueles de maior dificuldade clínica, advertimos que a montagem pulsional requer de uma superfície corporal, superfície que seja permeável à escrita que os circuitos pulsionais produzem. Por outras palavras, é necessário que o corpo adquira consistência, o falo dá corpo ao imaginário[4].

A manifestação clínica da pulsão me permitiu propor a cura nestes casos. Também adverti na prática, em algumas crianças, o fracasso na transmissão da língua materna, fracasso que posso denominar como uma língua autistizante.

A língua materna e seus efeitos nos chamam a manter a proposta de lalangue enfiada no inconsciente, até com as crianças que parecem não ter entrado na linguagem. Na cura de uma criança grave, em um momento preciso, é possível que ocorra um despertar, um som qualquer que surge a partir da verbosidade e de uma cantarola para produzir uma descontinuidade, constituindo um sopro de sentido no real.

A ciência avança para o real com o espírito de simbolizá-lo. A crítica não está dirigida à ciência, nem à pesquisa básica, mas à aplicação em massa de produtos tecnológicos e farmacológicos, último elo da pesquisa científica; são a industrialização e a massificação as que podem obturar a emergência do sujeito.

Denunciar os problemas do nosso tempo, como o adormecimento do sujeito e os estigmas que provocam a segregação ao universalizar um traço e suprimir o mais singular de cada sujeito, de cada história, não é suficiente. Não há universal do analista, nem do analisante. Há um por cada um. O real se inventa e acontece, não é equivalente ao social nem é da ordem do ontológico.

Como metáfora, podemos advertir que a pulsação entre abertura e fechamento situa o objeto **a** constituindo um tampão de gozo, ou de desejo que oxigena ou adiciona pregnância imaginária. "A psicanálise oferece que através da palavra possa se desfazer do que está mal enfiado"[5]

A psicanálise tem efeitos políticos e a política da cidade tem insistido em determinar nossa prática. Pudemos contestar os avanços das políticas de alguns países relativas à nossa prática.

O porvir da psicanálise não é sem o ato do analista que o caracteriza e institui. Na prática cotidiana, enfrentamos mais de uma dificuldade em relação ao mercado do saber onde o ensino é oferecido como um saber completo, ou como sendo levado por um pai idealizado, dono do saber, que impede ou obstaculiza que na transmissão opere a castração.

Em consequência, não há política sem ética, se de psicanálise se trata. É de se esperar que a política da psicanálise tenha como horizonte o ato analítico e sua transmissão. Estamos comprometidos nisso, esse é o por-vir e depende de que o real insista.

O poder enfocado na regulação social e institucional é de outro estofo que a razão do sintoma, do tropeço do dizer, do mal-entendido estrutural pelo qual a transferência se

---

[3] Nota. Considero que a cena lúdica não é somente a organização de um jogo, mas que corresponde à organização mesma do jogo. Há cenas privilegiadas que ingressarão como argumento e fixação da pulsão pós-puberdade na estrutura do fantasma.

[4] Jacques Lacan. LivroXXII. Inédito Biblioteca da EFBA.

[5] Jacques Lacan. Livro XXIV. Inédito Biblioteca EFBA

situa como o único poder, mas é um poder esburacado. Não se trata da crise em e da cultura, mas da crise que se apresenta atualmente como recusa do inconsciente, embora esteja disfarçado de gozo e letra.

Nós, de Buenos Aires, Argentina, afirmamos, quanto ao retorno a Lacan, que a leitura e a transmissão da psicanálise não são sem os três registros da linguagem RSI, a escuta atenta em que mulheres, homens e crianças tenham a oportunidade de situar sua verdade no desdobramento da palavra.

Estamos comprometidos com uma lógica da incompletude. A polis pode nos cercar com a cultura e seu mal-estar, não estamos isentos dela, mas não é daí donde tiramos nossos fins. Se a política joga com a polis, donde toma sua raiz, o sujeito promovido pela descoberta freudiana deve se diferenciar do sujeito jurídico e ainda do sujeito no discurso da filosofia.

A psicanálise se desdobra como subversiva porque traz um saber que não pode ser quantificado, que não é universal; é um saber singular que não concerne nem ao conhecimento nem ao poder da sugestão, nem ainda ao saber referencial; ele está sustentado pelo saber textual do inconsciente.

Amor, poder, gozo, saber diferem na concepção da psicanálise a respeito da política que tenta exercer estratégias no social, quer seja para seu controle como para seu governo. É neste ângulo onde a brecha entre a política à risca e a hipótese da psicanálise se torna mais nítida e aberta.

Se a política concerne ao inconsciente, invariavelmente surgirá do campo da transferência, e o saber nunca virá a ser poder na cultura. Trata-se de um problema topológico e também lógico e ético.

Concordamos com Lacan em que o discurso do analista é um despertar, um relâmpago do real que repercutiu na cultura, hoje não há dúvida alguma de sua incidência e efeitos na história. A psicanálise produziu uma nova escrita. Fulgor de um despertar.